

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza, Inclusive Ficção


Ateliê Editorial

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Antônio Suárez Abreu

O Design da Escrita

Redigindo com Criatividade e Beleza
– Inclusive Ficção –



Agradecimento

ao Dr. Wanderley Pires pela leitura crítica deste livro e pelas inúmeras sugestões que foram plenamente aproveitadas.

SUMÁRIO

Introdução: Conhecimento para quê?

PRIMEIRA PARTE: O DESENHO DO TEXTO

1. Design – A Alma do Texto
2. Mas... o que é Mesmo um Texto?
3. Gêneros, Tipos Textuais e Domínios Discursivos
4. Referenciação Criativa
5. Uso Criativo da Metonímia: um Processo de Projeção
6. Vivendo Histórias e Fazendo Projeções
7. Comparações e Metáforas como Projeções
8. Projeções por Esquemas de Imagem
9. Aspectos Funcionais dos Processos de Projeção
10. O Som da Linguagem no Texto Escrito

SEGUNDA PARTE: ESCREVENDO FICÇÃO

1. Conselhos Iniciais
2. Primeiros Passos: as Idéias
3. Passo Seguinte: Sinopse e Escolha do Gênero
4. Os Personagens
5. Tempo e Espaço
6. O Conflito: Estrutura dos *Plots*
7. *Plots* Secundários ou *Subplots*
8. Pontos de Vista Narrativos
9. Diálogos
10. Revisão

Epílogo: O que é um Escritor?

Referências

INTRODUÇÃO

CONHECIMENTO PARA QUÊ?

Este livro é resultado de uma pesquisa teórico-prática realizada na Unesp nos últimos três anos, aplicando princípios da chamada lingüística cognitiva na análise e produção de textos criativos. Dei aulas sobre esse assunto aos meus alunos de graduação e pós-graduação. Mas, em todos os momentos em que mantinha contato com essas mentes jovens, interessadas, tocadas pela vontade de aprender, uma pergunta aparecia sempre à minha frente: para quê? Para que serve estudar tudo isso? Só para abrir um livro, um jornal, uma revista, ser capaz de apontar o uso de estratégias criativas e poder dizer: “– Ah viu só como o autor foi feliz?” ou “– Percebe como ele poderia ter feito melhor?” É muito pouco! Depois de ter escrito o *Curso de Redação* e ter visto o seu sucesso por mais de uma década, achei que deveria fazer mais pelos meus leitores: ajudá-los a redigir ainda melhor os seus textos, tornando-os mais criativos e mais belos.

Ao terminar um dos capítulos, lembrei-me também dos textos que recebo algumas vezes dos meus alunos na universidade: crônicas, contos, inclusive romances, e da importância de apontar uma construção inadequada e sugerir um novo caminho. Como havia ministrado, na USP e na Unesp, um curso de extensão intitulado *Como Escrever Ficção*, decidi, então, pôr em dia meus conhecimentos nessa área e escrever uma segunda parte do livro, procurando ajudar os meus leitores a escrever textos de ficção com mais desenvoltura e criatividade.

Acredito, firmemente, que esse livro cumprirá seu propósito porque seu conteúdo já foi testado com bastante sucesso. A leitura pode começar pela primeira parte ou pela segunda. É indiferente. Aproveitem bastante, escrevam sempre, compartilhem suas experiências, pois o conhecimento é como a água: deteriora-se quando deixa de fluir. E só faz sentido quando conseguimos realizar alguma coisa com ele!

Primeira Parte

O DESENHO DO TEXTO

DESIGN – A ALMA DO TEXTO

De modo geral, quando se fala em design, as pessoas entendem que se trata apenas de acrescentar um pouco de estética a alguma coisa que manteria sua funcionalidade, a despeito dela. A maioria das pessoas imagina que design é, simplesmente, o acabamento que se dá a um produto qualquer, em sua fase final de produção. Você acha que a HP concordaria com isso? Ou a Apple, fundada por Steve Jobs?

Hoje, o design é o foco. As montadoras de automóveis contratam designers como Giorgetto Giugiaro, Chris Bangle e Pininfarina, para dar uma identidade visual de grife aos seus carros. As fábricas de perfume gastam milhões, anualmente, no design de seus frascos. O design aplica-se hoje até mesmo à área de serviços. Numa concessionária de automóveis, numa clínica médica ou odontológica, o atendimento, a cordialidade, o bom humor compõem o design do negócio. Mas é claro que um bom design representa muito pouco, se não houver qualidade. Ninguém compraria um perfume ruim, mesmo que viesse embalado em um frasco de cristal assinado por Valentino.

Beleza é fundamental, como dizia Vinícius de Moraes, mas, em um texto, não se pode falar em beleza sem conteúdo. É preciso frisar, também, que, a exemplo do projeto de um edifício, design não é algo que se acrescenta a um texto pronto. É algo que SE CONSTRÓI com um texto.

Design é a arte de conciliar beleza e funcionalidade. A funcionalidade de um texto é medida não somente pelo seu conteúdo, mas também pela sua clareza e objetividade. Um texto funcional, de qualidade, deve ser cristalino. Infelizmente, há gente que acredita que a beleza deve ser procurada apenas nos textos literários e que os de outra natureza, principalmente os científicos, dispensam o design. Afinal, há quem diga que, num texto científico, a densidade e precisão acadêmicas são inimigas de recursos que o tornem mais claro, mais palatável aos “não-iniciados”. Nada mais inconsistente! Um bom texto, qualquer bom texto, seja um poema, uma receita de bolo ou um artigo acadêmico deve ser claro e belo, despertando admiração em quem o lê. Como diz Mário Quintana,

[...] se um autor faz você voltar atrás na leitura, seja de um período ou de uma frase, não o julgue profundo demais, não fique complexado: o inferior é ele. Ao ler alguém que consegue expressar-se com toda a limpidez, nem sentimos que estamos lendo um livro: é como se o estivéssemos pensando¹.

Veja, a título de exemplo, o seguinte trecho retirado de uma reportagem técnica da revista *Carro* que narra um teste comparativo entre os nove automóveis mais velozes do mundo:

O carro de série mais rápido do mundo é anunciado por meio de um arauto: um rugido infernal que ecoa ao longe. Só então os olhos conseguem visualizar a silhueta escura e baixa. É o Bugatti Veyron 16.4 que se aproxima, veloz como um raio. Finalmente é possível distinguir a grade dianteira em forma de ferradura e então... ele já passou!

O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto. Os poucos – e felizardos – presentes à pista de Ehra-Lessien giram o pescoço na tentativa de acompanhar o bólido. A passagem do Veyron em velocidade máxima perturba a todos e, ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação².

Logo no início do texto, o autor apresenta o carro mais rápido do mundo por meio do som do seu motor, a que chama, metaforicamente, de “arauto”³. É como se esse ruído antecedesse o automóvel, exaltando suas qualidades. Logo em seguida à sensação auditiva, aparece a visual. Em função da alta velocidade desenvolvida, vê-se apenas uma silhueta. O autor identifica o Bugatti e põe o olhar do leitor no “logo” da marca: a grade dianteira na forma de ferradura. A seguir, evoca outra sensação, desta vez tátil: o deslocamento de ar produzido pela velocidade (“O golpe de ar é tão violento que quase nos arranca os óculos do rosto”). No final, surge outra vez o recurso ao visual, também metafórico: “ao se afastar, o veículo deixa apenas um rastro abstrato de pura fascinação”.

Como vemos, um texto que poderia ser apenas técnico e, portanto, mais contido, faz uso de sensações auditivas, visuais e táteis, transportando o leitor para a pista de provas de Ehra-Lessien, onde o teste foi realizado.

CRIATIVIDADE

Temos o desconcertante costume de fazer sempre as mesmas coisas. Isso representava uma vantagem competitiva há milhares de anos, quando nossos ancestrais, ao estabelecerem uma determinada rotina, tinham chances maiores de sobreviver. Quando ingressamos no período histórico, com a invenção da escrita há 5 200 anos, as mudanças começaram a ganhar maior velocidade. Durante o século XX, a vida das pessoas sofreu mudanças muito maiores do que em toda a história da humanidade. Iniciamos o século passado ainda movidos por tração animal e o terminamos voando em aeronaves a jato para os locais mais distantes do planeta e assistindo ao pouso de naves-robôs em Marte. Neste século que se inicia, as mudanças serão, no mínimo, cem vezes mais rápidas. Participar ativamente desse processo de mudanças exige aprendizagem contínua e uma enorme dose de criatividade. No início do século XX, nos Estados Unidos, apenas 10% dos americanos exerciam atividades criativas. Hoje em dia, 70% desenvolvem funções que demandam criatividade.

Todos nós somos potencialmente criativos, mas a interação com o meio ambiente é essencial. Nossas escolas, entretanto, primam por não oferecer condições para isso. Temos, então, de procurar nossos próprios caminhos. O primeiro deles é desaprender as coisas velhas que não servem mais, mas que continuam a pautar nossas ações diárias. Michael Hammer, em um artigo na *Harvard Business Review*, conta que gastamos as três primeiras décadas após a invenção do computador, apenas automatizando procedimentos do passado. “Pavimentando a trilha das vacas”, diz ele.

Conta-se que um jovem discípulo de uma religião oriental, cuja crença de baseava na existência de várias vidas, dirigiu-se a seu velho mestre, já bastante idoso e perguntou-lhe:

– Mestre, o que o senhor vai querer ser em sua próxima vida?

Depois de certo tempo de silêncio, o guru respondeu:

– Um burro, meu filho.

– Mas um burro, mestre? Como? Não consigo entender!

– Sim, um burro, meu filho, para poder desaprender muitas coisas que aprendi nesta vida e que não me servem mais. Depois, em uma outra vida, serei alguém com a mente apta a aprender novas coisas.

Talvez o mais difícil de desaprender sejam os preconceitos. Acreditamos, por exemplo,

que uma escola deva ser um local vigiado, onde, em intervalos regulares, uma turma de alunos fique confinada em um ambiente, ouvindo a preleção de um professor que fala sobre o que ouviu de outros professores ou leu em livros. Será que isso ainda funciona?

Depois de desaprender coisas velhas e vencer preconceitos, uma boa idéia é desafiar o último mito, o da especialização. Procurar leituras diversificadas, de outras áreas diferentes da nossa, investindo na interdisciplinaridade. Fazendo isso, estaremos “pegando carona” em mentes altamente criativas, estimulando e vitalizando a nossa própria criatividade.

Mas, o que é criatividade? Os estudiosos da área costumam dizer que ser criativo é ver o que todo mundo vê e pensar diferente. Trata-se da habilidade de ver alguma coisa de outro ponto de vista, diferente daquilo que nos diz o senso comum. Foi assim que Henry Ford criou a linha de montagem, no início do século passado, e conseguiu que os empregados comprassem seus próprios automóveis. Foi assim que Rich Teerlink, presidente da Harley-Davidson, reposicionou sua fábrica de motocicletas, ganhando milhões de dólares, ao decretar que a Harley não era mais uma empresa que fabricava veículos apenas. Era uma empresa que fabricava e vendia um estilo de vida!

Mas, como pensar criativamente quando se trata de escrever um texto? Como conseguir torná-lo belo e funcional? Bem, isso é assunto para os próximos capítulos.

1. Mário Quintana, *A Vaca e o Hypogrifo*, p. 110.
2. Revista *Carro*, jan. 2007, p. 69.
3. Como na Idade Média as pessoas do povo geralmente não sabiam ler, havia os *arautos*, oficiais reais que liam em voz alta, nas praças, proclamações solenes, anúncios de guerra ou de paz. Nos torneios, os arautos apresentavam os cavaleiros, enaltecendo a sua origem e seus feitos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

